



LAGO DOS QUATRO CANTÕES.

Entre os cantões que compoem a confederação Suissa, os quatro de Schwitz, Uri, Unterwald e Lucerna, dão o nome de lago dos quatro cantões ao que banha as suas praias, e a que mui communmente chamam lago de Lucerna, quando este ultimo é na verdade um golpho das aguas do grande, que os quatro indicados territorios fecham. Tambem se diz lago dos Waldstetes, porque esta palayra significa *estados das mattas*; e com effeito, aquella vasta bacia, formando na parte central muitas sinuosidades, tem suas margens revestidas de montanhas altas e escarpadas e bastas florestas, de que é cheio igualmente o interior do paiz, e por isso lhe cabe a denominação supra-mencionada.

A Suissa é uma inexgotavel mina para os pintores de paizagens; outras as possuem ou tão graciosas ou tão magnificas, porém nenhuma em tanta abundancia e variedade n'uma extensão de terreno comparativamente limitada, como os estados da confederação helvetica, e dahi vem a profusão de copias de suas bellezas naturaes, que na Europa ganharam fama.

Não podia um paiz com taes condições deixar de produzir pintores habéis n'aquelle genero, e de facto alguns conta dignos da sua reputação, e que figuraram com applauso na recente exposição universal em Paris; entre elles o mais celebre, o magistral interprete das scenas dos Alpes, appresentou o quadro de uma vista do Lago dos quatro cantões, que a gra-

vura acima representa. Este painel é tomado no ramal profundamente entalado nas terras e mui picturesco, que termina em Fluelen perto de Atdorf. O espectador tem diante de si á esquerda a famosa capella de Guilherme Tell, á direita a pyraamide truncada do monte Uri-Rothsloik, que com suas geleiras domina toda a corda de serras ingremes que banham suas faldas no lago. O momento escolhido pelo artista foi n'uma linda madrugada. Um veu mui leve de nevoeiros azulados se estende por toda a paizagem; e quando os planos mais proximos emergem dos vapores matutinos, estes condensam-se ao contrario na direcção em que as aguas do lago rompem pela terra dentro, e offuscam completamente os objectos longiquos. É um bello espectaculo e em perfeita harmonia com os accidentes alpestres do territorio.

MEMORIAS HISTORICAS.

1583)

(Conclusão)

Ma! chegaram, o commendador de Chaste pediu ao marquez que cumprisse a capitulação, e lhe desse munições e navios para os conduzir á costa de França com o resto da sua gente, como promettera, o que o marquez lhe prometteu fazer no dia seguinte.

FEVEREIRO 23, 1856.

te, chegando o qual encarregou D. Pedro de Padilha de dizer ao commendador de Chaste, que era preciso que elle viesse com os seus até Lisboa, onde lhe mandaria dar embarque, não tendo meio de lh'o facilitar agora, porque não teria embarcações sufficientes para reconduzir o seu exercito; com o que o commendador se viu obrigado a conformar, não obstante a contestação que lhe fez. Em quanto de dia para dia esperava ver partir a armada, alguns de seus capitães o advertiram de que os hespanhoes tratavam de os persuadir a que passassem com seus soldados ás suas tropas, para concorrerem a uma jornada que o rei Philippe emprehendia contra os mouros de Larache, onde el-rei D. Sebastião fôra morto, e perdêra a batalha havia quatro annos. No mesmo dia sendo o commendador convidado para a residencia de D. Pedro de Toledo, onde estavam os maiores capitães da armada, foi muitas vezes incitado a alegrarse, e fazer boa cara, porque o viam triste pela passada má fortuna, ao qual D. Lopes de Foulquoal, mestre de campo general da armada, começou a falar assim:

— Senhor de Chaste, parece-me que tendes pouco motivo para vos zangardes, como fazeis, mesmo porque aqui nada se passou que não fosse em proveito vosso; appello para que julguem da vossa fortuna os mais experimentados guerreiros do mundo, e estou convencido, que tendo ouvido todas as particularidades não poderão conceber, assim como me succede e a meus companheiros, que quando toda a ventura d'este mundo vos acompanhasse contra nós, pudesseis vós ou os vossos apparecer com mais honra ou com mais valor, assignalando a vossa reputação, combatendo e fazendo frente a um grande e possante exercito durante todo um dia, com um punhado de homens, que se expunham ao combate tão galhardamente, a ponto de se virem espetar de cabeças baixas nas armas de nossos soldados, para tambem ensanguentarem as suas, fazendo morrer um grande numero dos nossos mais bravos, abandonados como estaveis de todos os portuguezes, do seu chefe, e mesmo de parte dos vossos, que se nos vieram entregar, e nos deram aviso das vossas necessidades. Depois d'isto fazer entrar em competição o marquez de Santa Cruz, que ouvira que a fome e a sede vos minavam e a toda a vossa gente, e sair inesperadamente com vida d'um precipicio; quanto a mim acho que o mal ficou da nossa parte que fomos mui faceis, quando a affronta e o pouco brio ficariam para sempre á nossa nação se a desgraça nos fosse tão contraria que pouco menos fizéssemos do que vós. Penso que deveis agradecer a Deus a ajuda que vos prestou, bem como estardes ao presente em poder de gente de bem, de quem recebeis toda a cortezia que podis desejar.

O commendador lhe agradeceu mui humildemente a sua civilidade, e disse-lhe:

— Seria o maior de todos os ingratos, se me não restasse a melhor vontade de me desferrar da honra e favor que me fazeis, quando se me proporcione occasião d'isso; mas como o francez não pôde esconder o que lhe pesa n'alma, direi livremente, que todas as caricias e bons tratamentos que me dáes, são com tal intenção de que não posso receber senão desgosto: o que desde dous dias me traz mais triste é o aviso que tive de que vossos capitães corrompiam os nossos e seus soldados, para os levarem a essa jornada de Larache, no que vejo pretexto, havendo o marquez começado já a faltar á convenção, transferindo para Lisboa o embarque que me promettêra fazer

n'esta illha, o que é mais para que prestemos ouvidos á tal jornada, do que por falta de navios, como elle diz; ou se não é isto, é para proceder mal comigo e com os meus, faltando-me de todo á fé. É preciso que não pense que mesmo constrangendo-me a ir a Lisboa, nem por vontade nem por força nos faria fr aquella jornada sem ter para isso ordem d'el-rei meu amo, ao qual quero ir dar conta do meu encargo, e primeiro crivaria o corpo com cincoenta golpes de adaga, certo como estou de que todos meus companheiros me imitariam. Acho pouca cousa a perda dos bens e da vida, mas não assim a da honra, que eu perderia se me apartasse d'isto. O meu proceder serviria tambem de immortalisar a pouca fé hespanhola, já que um general do exercito, e todos os principaes da vossa nação faltaram a ella, como está succedendo.

Todos responderam então:

— Senhor de Chaste, fazeis-nos grande injustiça formando da nossa fé tão má opinião; não vos persuadaes nunca de que se não é da vossa livre vontade, e da de vossos soldados irdes a esta feliz jornada de Larache, onde todos os bons christãos se devem achar contra os infieis, que o marquez vos quizesse por nada do mundo constranger, nem tão pouco faltar-vos á composição; e quando tal quizesse fazer, prezamos tanto a nossa honra, que antes perderiamos todos a vida, que consentir n'isso.

E d'ali foram haver-se com o marquez, ao qual communicaram o que lhes dissera o commendador a respeito do quebrantamento da fé, levando-o a Lisboa quando lhe promettêra fazel-o embarcar na Terceira para voltar a França. Observaram-lhe que, se com effeito tal era a sua vontade, o commendador teria occasião de se queixar, com o que elle não se faria mal á sua reputação, mas a toda a nação hespanhola. Pediram-lhe guardasse a fé e cumprisse sua promessa, fazendo embarcar na ilha os francezes, antes que a armada hespanhola partisse; no que o marquez consentiu, com a condição de que o commendador lhe deixaria em refens, por segurança das embarcações que lhe daria para o conduzir ás costas de França, o senhor de Anguarnagues, mestre de campo, e quatro outros capitães com suas companhias, já que não podiam embarcar todos, por falta de navios. Sabendo isto o commendador, foi ao encontro do marquez, e-lhe disse que na composição se não fizera a menor menção de que elle deixaria refens, o que agora era retractação de promessa; e quando por força ou por auctoridade fosse a isso constrangido, era elle quem queria ficar em penhor, fazer a retirada, e correr a fortuna do seu plano. O marquez lhe respondeu:

— Senhor de Chaste, resolvi-vos a deixar-me os refens que vos disse: estimo-vos muito para consentir na vossa perda, como faria se ficando em arrhas tivésseis de responder pela desordem que vossos soldados podiam fazer passando pelas terras do rei de Hespanha meu amo, á falta de ter quem os contivesse; mas é preciso que vos embarqueis com os vossos amanhã em tres navios biscainhos, cada um de 400 toneladas, e uma barca para os vossos feridos ou doentes, que vos mandarei dar, com munições e gente para vos conduzir á costa de França, do lado de Fonte-rabia; e logo que tenha aviso do tratamento que tiverdes dado aos ditos biscainhos, e da sua retirada, não deixarei de fazer embarcar o resto da vossa gente, que entretanto levo comigo para Lisboa: eis quanto posso fazer em vosso favor, e a que estou resolvido.

— Muito bem; (lhe tornou o commendador) quem tem a força faz a lei, como vós, senhor.

E despedindo-se d'elle, lhe prometeu partir com os seus.

No dia seguinte, que era sabbado 14 d'agosto, se embarcaram em tal confusão, que os navios estavam cheios de soldados e marinheiros francezes, e grande numero das companhias que ficavam em refens se escondiam dentro, temendo sempre que a fortuna fosse para os ultimos; o que foi causa de morrer a maior parte de fome, de sede, ou de fluxo de sangue durante a viagem, que durou perto de dous mezes, não tendo contado tel-a mais de quinze dias se o vento lhe fosse propicio; mas havendo-lhe sido contrario, estiveram os navios quasi a ir a pique na terça feira 17 do dito mez, e os homens soffreram tanto, que alguns se deitaram ao mar mortos, ficando a maior parte dos restantes doente do fluxo de sangue, que tinham alcançado com as miserias experimentadas nas montanhas da Terceira antes da composição, as quaes continuavam nos navios, em que viviam tão pobremente, não tendo que beber senão mui pouco d'um mau vinho mui azedo, aguas fetidas, um resto de biscoito da armada hespanhola, feito em Milão havia quatro annos, cheio de bichos, e duro como pedra, e mau bacalhan podre, por tal fórma que o maior festim que podiam ter os pobres feridos e doentes era comerem um bocado de biscoito cosido em agua fetida n'um pote de barro, e ainda assim era elle tão pouco que quasi não o sentiam no estomago. Esta occasionou uma tamanha peste, que d'ella morreram mais de duzentos. Na terça feira 24 do dito mez o navio em que ia o commendador esteve ainda quasi indo a pique, pelo desespero de um soldado, que estando deitado debaixo do tombadilho, desesperado de viver com tamanhas necessidades, ou por causa da dor que padecia d'um tiro de arcabuz, que lhe quebrára uma perna, abriu uma portinhola do navio, no qual entrára já dous pés d'agua, e, sem a ajuda dos marinheiros que deram d'isso accordo, bem depressa estaria o navio perdido. No dia seguinte esteve o mesmo navio a ponto de perder-se pelo fogo, e perder-se-ia se não fosse a diligencia dos marinheiros francezes, no logar em que alguns embriagados biscainhos cosinhavam, e comiam seus refrescos em presença dos pobres francezes, que algumas vezes lhes pediam de mãos postas, e em nome de Deus, lhes dessem algum bocado; do que elles não faziam caso, e se riam de os ver nesta extremidade; e muitas vezes passando perto d'elles lhes davam ponta-pés na barriga e nos rins, dizendo que eram cães e porcos que se desfaziam em sangue.

Pode ajnizar-se como os pobres doentes seriam tratados, quando morriam deitados uns sobre os outros por todos os cantos dos navios, sem se poderem mecher nem soccorrer. Muitas vezes a respeito d'alguma má nação tenho ouvido comparal-a á raça dos biscainhos; mas posso certificar por experiencia, que são os mais barbaros, e de menos amisade que ha no mundo. Todas estas crueldades eram custosas de soffrer ao commendador: foi mesmo advertido um dia, que os biscainhos tinham deitado ao mar um gentilhomem francez, que inda não estava morto; e tendo-o exprobadado ao capitão do seu navio, e o mais do seu mau proceder, elle lhe respondeu, que estava tão arrependido de conduzir no seu navio pessoas tão desesperadas, como eram os francezes, que melhor lhe teria sido levar-o o diabo ao fundo, com tudo o que ali havia dentro: não obstante isto o commen-

dador se armou de paciencia, em consideração aos que tinham ficado em refens, que teriam padecido com o castigo que merecia este maligno espirito biscainho e todos seus companheiros, tendo o commendador bastante razão de resentir-se.

Na sexta feira 27 do mesmo mez começaram a descobrir terra do lado da Galiza, na qual querendo tocar no cabo Finisterra, para tomarem agua na primeira povoação, cresceu a tormenta por tal fórma, que a maior parte dos marinheiros se preparou para se deitar a nado. Deus fez entretanto cessar a tempestade, e passar o navio a um pé pouco mais ou menos dos rochedos. Em todo este dia não puderam tomar terra, mas no dia seguinte deitaram ancora n'uma má bahia d'uma povoação chamada Maugy, onde muitos francezes cuidavam correr ao remedio do seu mal indo beber a uma fonte, e depois de terem enchido a barriga, quatro ou cinco ficaram logo ali mortos. Isto foi causa do commendador os mandar reembicar. Vendo os soldados que os mandavam tornar a bordo, grande parte d'elles rogou ao commendador que a licenceasse, e para mais facilmente o obtencem, quizeram fazer crer, que tinham feito um voto a San-Jacques em Galiza, d'ali distante seis ou sete leguas, para que os livrasse do perigo. O commendador observou-lhes a sua indisposição, e a fortuna que corriam passando por Hespanha, onde seriam cobertos de golpes; que melhor era esperar ainda dous dias, dentro dos quaes esperavam que o vento nordeste que os impedia de seguirem seu caminho, mudaria; que succedendo assim em dous vezes 24 horas andariam as 160 leguas que lhes faltavam para chegar ás costas de França: o que elles por terra não fariam em dous mezes: assegurou-lhes ainda, que no caso do tempo não ser prospero, deliberava seguir a mesma sorte que elles, sendo a isso constrangido pela necessidade dos viveres, que era tão grande, que a ração d'um soldado fora reduzida ao que elle na concha da mão podia tomar d'agua fetida, e ao volume d'uma noz de biscoito, uma vez por dia. Mas sendo o commendador importunado para os licenciar despediu 120, a mór parte dos quaes morreu em Hespanha, por causa do mau tratamento que ali recebeu, ou pelo mal que já soffria.

Na terça feira 16 do dito mez o vento contrario pareceu querer mudar, e deu occasião a levantar ferro e dar á vela, depois do commendador ter feito metter no seu navio sete ou oito barricas d'agua; mas ao saír da bahia levantou-se uma nebrina acompanhada de grande tempestade, que rendeu o mastro grande, e rompeu todas as velas, de modo que julgavam ser chegados ao fim de todas as miserias, occasião em que o capitão biscainho manifestou sua má alma e avareza, porque cheio de raiva, começou a gritar:

— Meu Deus! no fim de tudo ainda me farás perder o meu navio, que custou dez mil francos! Antes o diabo me levasse primeiro!

Foi então que todos os outros do navio invocaram a ajuda de Deus, que os preservou ainda d'este infortunio, e fez cessar a tormenta: por effeito da qual os dous outros navios e barca se separaram do commendador, e arriharam, um em que ia o commendador du Mayet, a Valença de Hespanha, distante do dito commendador 36 leguas; o capitão Carlos de Bourdeaux, que commandava no outro navio, ás ilhas de Bayonna, distantes 24 leguas; e o capitão Campanhol, que ia na barca com os doentes, muito ao mar; ficando uns mui distantes dos outros. Este

vento contrario que crescia de mais em mais os fez andar sobre as aguas 12 ou 15 dias, e durante elles no navio do commendador se lançavam ao mar cada dia dez a doze mortos, por não haver já nada que comer, e mui pouco que beber, e sem a ajuda e misericordia do Todo Poderoso, que pelas acclamações e supplicas que lhe faziam mandou vento favoravel, estavam quasi a deitar sortes sobre quem devia ser comido pelos outros. Entretanto em dous dias e uma noute chegaram ao porto da cidade de Gueytarge, d'onde o capitão biscainho era, e onde immediatamente tiveram pão e agua mediante algum dinheiro, que um gentil-homem francez mais abastado que os outros emprestou ao commendador. D'ali até Fonte-rabia ainda havia dez leguas de mar, e era lá que o capitão biscainho tinha ordem de leval-os; comtudo disse ao commendador, que não estava resolvido a leval-os mais longe, mas que elle podia ir por terra se quizesse; do que o commendador avisou logo o governador de Fonte-rabia, communicando-lhe o pouco caso que este biscainho fazia de cumprir as ordens do marquez de Santa-Cruz, e que por culpa sua toda a sua gente morria: immediatamente o governador despachou um homem ao biscainho, ordenando-lhe sob pena de morte de conduzir diligentemente os francezes á villa de Andaya, que é em frente de Fonte-rabia não havendo entre ambas mais do que um pequeno braço de mar, que separa a França da Hespanha. Em continente preparou-se elle com chalupas e bateis, e conduziu o commendador com a sua gente defronte de Fonte-rabia, e como elles queriam passar este pequeno braço de mar, chegou um gentil-homem hespanhol da parte do governador a offerrecer ao commendador viveres, dinheiro, cavallos e vestidos, dizendo que tinha ordem de sua magestade catholica para ter com elle e com os seus todas as cortezas que pudesse. O commendador agradeceu, mas não accitou nada do governador senão cavallos para si e para os mais doentes, até Bayonna, d'ali distante doze leguas. Tomaram em fim terra na povoação de Andaya em 4 d'outubro, onde os habitantes, vendo-os chegar tão miseraveis e dilacerados, os receberam em suas casas, e lhes fizeram o melhor acolhimento que puderam. No dia seguinte pela manhã a maior parte os proveu de mulas e asnos para os conduzir até á ponte, que treme, a tres leguas, e algumas mulheres, e moças, como são n'estes contornos mui caritativas, vinham para soccorrer os doentes. O commendador recebeu ainda parte do mesmo tratamento n'este logar; fez accommodar no hospital de S. João da Luz, que fica perto, alguns dos doentes, e continuou a distribuil-os pelos hospitaes, e estabelecimentos de caridade, que havia até Bayonna, onde a mór parte morria: os outros vieram até ás portas de Bayonna, e com estes repartiu o commendador seiscentos escudos, que lhe tinham emprestado, para ajuda da retirada, accommodando-os em carretas, de jornada em jornada, atravez toda a Gasconha, por auxilio do senhor de la Passiere, governador de Bayonna, que lhe deu um commissario para os conduzir, e preparar alguma etape. Tendo o commendador tratado assim dos seus, tomou pela posta de Bayonna a París, onde estavam suas magestades, a dar-lhes conta do seu encargo, e beijando as mãos á rainha mãe do rei, da qual recebera expressamente ordem para a dita viagem, lhe apresentou um resumo d'esta relação, dizendo-lhe:

— Senhora: sei bem que relatar o que me succedeu fóra occupar-vos muito tempo com um objecto, que vos seria mui desagradavel: tenho pezar, senho-

ra, que a minha viagem se não emprehendesse com tanta razão, como de boa vontade tinha eu de dar-vos mais contentamento: vereis se quizerdes, quanto a verdade me fez escrever n'este papel; e se achardes que o temor de perder a vida me fez esquecer o dever do vosso serviço, aqui trago, senhora, a cabeça para responder por tal.

Ao que sua magestade respondeu, recebendo-lhe o discurso:

— Senhor commendador, sei que sois homem muito de bem para que faltasseis ao vosso encargo; agradeço-vos a affeição que conheci tinheis ao meu serviço; e conservo a boa vontade, de fazer por vós tudo quanto for a vosso bem.

NEOLOGISMOS.

Uma lingua universal e philosophica, como ha poucos annos a propoz o erudito hespanhol, sr. D. Bonifacio Sotos, ou, pelo menos, em quanto não chegasse a realisação d'esse arrojado pensamento, uma ideographia, tal, como foi delineada pelo sr. D. Sinibaldo de Mas, (1) se por uma parte seriam o remate da total e definitiva fraternisação de todos os povos para todas as manifestações da intelligencia, e n'essa qualidade o mais brilhante epilogo das sinceras aspirações dos humanitarios, por outra parte a circumstancia de estar ainda involvida nos densos nevoeiros do futuro a aurora d'esse dia por tantos desejado, não nos tolhe, a nós, que vivemos hoje, cuidarmos de locupletar os patrios idiomas, sem que por isso renunciemos nem de leve ás tendencias progressivamente communicativas da humanidade.

Escreverem todos os povos em representação graphica de tal forma combinada, que o mutuo commercio das idéas não encontre barreiras nas diversas nacionalidades, sobre possivel, é tão provavel, que, talvez ainda n'este seculo dos prodigios se complete esse desiderandum.

Fallar-se uma lingua cosmopolita, não vemos porque não seja um dia exequivel, até mesmo porque o livre curso d'essa moeda universal do entendimento, não exclue a existencia dos varios e multiplices idiomas, em que se acha actualmente retalhado o mundo. Os *patois* tem apresentado toda a tenacidade da vida tradicional, sem obstarem com isso, a que por toda a superficie da França, por exemplo, se empregue uma unica lingua, ao mesmo tempo litteraria e official.

O latim que dominou com a idéa da unidade de conquista, não teve poder para aniquillar os dialectos, que serviram de base ás linguas que lhe sobreviveram. A unidade da federação, sem avassallar as individualidades nacionaes de cada povo, tem de adoptar lá para o futuro um idioma, só para uso commum de todos.

Sem pertendermos aventurar-nos em visionarias interpretações de segredos que só a Deus pertencem, acreditamos em que a geração actual já dispõe de algumas revelações, sobre que lhe é dado conjecturar.

«Um dos meios mais directos para aperfeiçoar a intelligencia d'um povo, é trazer-lhe depurada a lingoagem.» (2)

Cumpra, portanto, não deixar perder os haveres privativos de cada lingua, nem desprezar por inu-

(1) Veja-se o n.º 24 de IV volume d'este secretario.

(2) Dr. Wries, Princip. Philosoph.

teis os seus naturaes enfeites de que tanto se vale a boa locução.

Mas, ciphRANDO-se todo o zelo dos escriptores, em não deixarem apagar o fogo sagrado que o seu acrisolado puritanismo lhes manda velar, terão solvido a divida de que as letras patrias se lhes fizeram credoras? De certo que não, se não levarem em vista ir enthesourando para o patrimonio nacional novas aquisições com que a lingua se enriqueça.

Não podemos resistir á tentação de inserir aqui, o que a proposito da indispensabilidade dos neologismos, e faculdade que nos assiste para o fazermos esereveu penna das mais authorisadas em assumptos d'esta ordem (1).

«Para as cousas geraes e antigas, creados estão d'esde muito os termos e as formulas do dizer. Ahi, as innovações são, pelo menos, arriscadas. Para os descobrimentos modernos das sciencias, para os inventos com que as artes se vão enriquecendo em nossos dias, claro está que não póde supprir o vocabulario dos nossos avoengos, que não eram profetas. Novos factos, novos instrumentos, novos productos, só por termos novos se podem expressar.

«Em geral, é o povo que inventa ou descobre, o que baptiza de seu idioma a coisa inventada ou descoberta; e o nome com que elle a baptiza, conjunctamente com a coisa, o recebem os outros povos, só com a differença de lhe darem, sem desfigurarem a feição de orthographia, a desinencia, que o ponha em harmonia com as outras palavras com que essas naturalisadas tem forçosamente de conviver. E assim que a nossa linguagem maritima, quando em pontos de navegação e conquista démos lições e exemplos a todo o mundo, extravasou para o dictionario dos outros povos um sem numero de vocabulos technicos, que, mais ou menos alterados, ainda hoje por lá se conservam e reconhecem. A tecnologia das artes bellas é italiana, por toda essa Europa; a das modas e a da litteratura, franceza; a da industria finanças e commercio, ingleza; a da gastronomia, mixta das fontes italiana, franceza e ingleza.

«Não é aqui lugar proprio para dissertações philologicas e linguisticas; não obstante, aventuraremos a este proposito alguma ponderação. Quando Horacio (citar Horacio, é citar a rasão demonstrada e confirmada pelo consenso geral) escrevia, que para os inventos e descobrimentos contemporaneos se podiam crear novos termos, acrescentava logo: «que tal licença se havia de tomar com parcimonia, e que essas palavras recémtrazidas, só adquiririam credito, se se derivassem de fonte grega, com muito moderado, desvio».

....nova facta que nuper habebunt verba fidem, si
Græco fonte cadent, parcé detorta....

«Continuemos a ouvil-o, que val a pena, e é lição para todos nós, mui valiosa para estes tempos que vão correndo.

«Se os nossos classicos d'outras eras, diz elle, inventaram, e lh'o não estranhâmos, porque se estranharia aos do dia de hoje, e a mim o inventarmos? Foi sempre licito, ha-de sempre ser, bater moeda de linguagem, como se lhe imprima cunho vigente».

..... *Quid autem
Cæcilio, Plauto que dabit Romanus ademptum
Virgilio, Varro que? Ego, cur acquirere pauca*

(1) O sr. A. F. de Castilho, prologo á traducção de «Nos Amigos dos Meninos» de Ledue, por L. F. Leite

*Si possum, invidior, quum lingua Catonis et Enni
Sermonem patrium ditaverit, et nova rerum
Nomina protulerit? Licuit, semperque licebit
Signatum presente notâ procudere nummum.*

«Assim como os bosques, acrescenta elle, ao descaír de cada anno, largam a folha para a retomarem nova, assim tambem vão caindo as camadas das palavras velhas, e vem vecejando no seu lugar as recém-nascidas».

*Ut sylvæ foliis pronos mutantur in annos,
Prima cadunt; ita verborum vetus interit ætas,
Et juvenum ritu florent modo nata, vigentque.*

«Nós e tudo nosso, finalisa elle, pertencemos a morte; as maiores obras dos maiores potentados não se lhe eximem.

«Como aspiraria logo á immortalidade a louçania da nossa linguagem? Muitas partes d'ella, depois de caídas, renascerão; muitas das que hoje pompeiam, cairão, segundo aprouver ao uso, que é o arbitro, o senhor e o regulador unico do fallar».

*Debemur morti nos nostraque. Sive receptus
Terræ, Neptunus classes Aquilonibus arcet,
Regis opus; sterilisce diu palus aptaque remis
Vicinas urbes alit, et grave sentit aratrum;
Seu cursum mutavit iniquum frugibus amnis
Doctus iter melius; mortalia facta peribunt,
Nedum sermonim stet honos, et gratia virax.
Multa renascentur, quæ jam cecidere; cadentque,
Quæ nunc sunt in honore vocabula, si volet usus,
Quem penes arbitrium est, et jus et norma loquendi.*

«O corolario de applicação de tudo isto á materia sujeita, é que os objectos da moderna industria estrangeira, não podem deixar, quando para cá entrarem, de ter nomes que Gil-Vicente, Camões e Vieira nunca ouvissem: que esses nomes nos hão-de correr das fontes naturaes, as quaes são para a nossa lingua, o latim e o grego, que o são, quasi geralmente para todas; ou o nosso mesmo peculio portuguez, por composições derivações e translações; ou emfim, o idioma da gente donde a novidade nos procedeu. O que era para os romanos de Horacio a fonte grega, são para nós, na industria, a fonte ingleza e a franceza; e a rasão é clara.

De Athenas aprendiam os romanos a civilisação do seu tempo; das nações grandes nossas coevas, colhemos nós a civilisação do nosso. Se para a idéa nova se pudér, por extenção de significação, trazer vocabulo nacional anterior, bem; se por composição de vocabulos nacionaes anteriores, ou de raiz latina ou grega, se pudér formar, como os sabios lá por fóra tantas vezes o praticam, bem; se não obtendo coisa plausivel por tentativas d'este genero, se houver em fim de tomar o vocabulo forasteiro, para designação da coisa que de lá importamos, venha nas boas horas esse vocabulo; mas para que o povo, que não é prodigo em conceder cartas de naturalisação, lh'a não recuse, ou lh'a expeça de má vontade e fóra de tempo, assumo o tal vocabulo perigrino, com a melhor graça que pudér, trage, aspecto e pronuncia dos indigenas da terra para onde vem viver.»

Agora que puzemos a questão, ainda que com palavras alheias, que por serem de tão desvelado mestre da lingua; mais nos quererão os leitores em não as omittirmos, do que nos absolveriam a não as havermos aproveitado, cabe, para que não terminarem

mos sem trazer á lembrança o que n'outra parte alvitramos (1) copiar n'este lugar o que a tal respeito deixámos dito.

« Fazemos pois duas propostas acerca da introdução, nacionalisação e addicção de termos technicos de sciencias, artes, officios e misteres, ainda os que por ventura, mais humildes, ou domesticos pareçam. Assim é, divide-se a questão ao meio, e dê-se a cada um a sua tarefa.

« Conviria-me parece, diziamos nós, que os lentes das escolas superiores, antes de professarem sciencias importadas de fóra, e, na maior parte dos casos, por elles mesmos idas adquirir previamente a paizes estrangeiros, taes como trabalhos hydraulicos, viação publica, pontes e calçadas, caminhos de ferro, etc., etc., assentem entre si, mas como decisão definitiva e deliberação tomada em conselho escolar, quaes as versões que a essa tecnologia forasteira recémvinda se devam dar em portuguez, de fórma, que, preenchidas as clausulas impreteriveis da nacionalisação, que são propriedade no significar, e *desinencia* para a feição nacional, corressem bem discutidas e authorisadas, do conselho dos lentes para os seus compendios e para as aulas, e d'alli para o commum peculio do idioma patrio, e para árem finalmente ser tombadas nos seus archivos pelos lexicographos de Portugal.

« Se esta alfandega neologistica deve ser o conselho de cada escola superior, se as secções da Academia Real das Sciencias, não é a nós que compete decidil-o. Mas, que tem a nacionalidade da tecnologia scientifica importancia real e muito seria, e que não é para responsabilidades de um só indivi-
duo, n'isso crêmos nós.

Ainda uma consideração, e é que a par das altas habilitações, scientificas, nem sempre anda o amor da boa linguagem portugueza. Não será difficil de explicar, mas o que é facto, é que pessoas, aliás muito para serem consultadas, por isto de puritanismo, do nosso idioma, não romperiam lanças; imposta porém por consenso commum a obrigação de irem fazendo uma tecnologia nacional, embora de rai-
zes estranhas, seriam essas intelligencias levadas a pensarem cuidadosamente em a vestir á portugueza, e a pouco e pouco se iriam tambem alargando as bases a todo o desenvolvimento industrial que por livros se pode derramar por todo o paiz.

Dirigia-se a segunda parte daquella proposta a fazer recolher as tradições thecnicas de cada arte ou officio que se exerce no paiz, alim de ser mais facil o processo da naturalisação dos termos extranhos, pela comparação, ou de se evitar a addicção de novo onde os houvesse.

Trabalho era este de que mui bem se poderia encarregar o Conservatorio das artes e officios, e que por certo não seria esteril para ulteriores applicações de maior ou menor alcance.

Isto de neologismos que á primeira vista parecerá uma questão de palavras, não o é realmente, senão para quem nunca se habituou a dar a estes nada a importancia que ninguem lhes pode disputar.

LUIZ FILIPPE LEITE.

O VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

Continuação.

O mundo invisivel deixa as fórmas indecizas e nebulozas com que o rastrêa a intelligencia, para tomar

dimensões exactas e figura natural. Era Jacopo e Dante, precedidos pela audacioza imagem dos theologos e dos legendarios monachaes, descrevem o universo dos espiritos com a exacção de uma viagem ordinaria e natural. O poeta guibellino méde o inferno na mais temeraria e na mais poetica das vizões dos tempos medios, como que levanta a carta geographica dos domínios de Satan. Aqui é a portada sombria do reino das trévas, onde lampejam apenas os caracteres sinistros d'aquella epigraphe eterna. Per me si va nella citá dolente. Mais adiante é o circulo do limbo, logo o dos voluptuosos; depois a cidade de Dite, com os seus muros torneados, as suas ameias guarneecidas, com as suas cávas alagadas de agua paludosa, com o seu residuo de espiritos infernaes, tudo á imagem e similhaça das communas de Florença ou de Siena, de Arezzo ou de Verona, onde se haviam pelejado as guerras intestinas e feroces dos guibelinos e dos guelfos, a lucta sanguinosa entre as chaves de S. Pedro e as aguias do sacro imperio.

O theatro na edade media fallava mais aos olhos do que ao coração, mais á fé que ás paixões humanas. Durante muito tempo andou ligado á egreja como um supplemento profano ao culto religioso. Desterrado e proscripto na sua antiga belleza classica, como remieniscencia da gentilidade e como indecoroso á austeridade dos fieis, anathematisado pelos santos padres, condemnado pelos doutores, e prohibido pelos bispos, desappareceu durante seculos, sepultando em egual esquecimento as graças varonis da tragedia antiga e os gracejos impudicos do Momo atheniense e da Thalia romana. O theatro antigo lembrava as festas do polytheismo e a gloria sacrilega dos falsos deuses, que Constantino espedaçara nos templos de todo o imperio. Quando o theatro quiz renascer, a egreja dirigio-o, para que não voltasse como Julião ás censuras do paganismo. Franqueou-lhe os adros dos templos, e chegou a admittir a musa dramatica, acanhada e rude, mas christã, a exornar nas barbaras visualidades dos *mysterios* a celebração das festividades religiosas, a representar em fórmas sensiveis as scenas sacrosanctas dos divinos testamentos, e a figurar em personagens animadas a legenda dos sanctos e a historia dos herões christãos.

Havia espectaculos, mas não havia theatro. A scena profana esclateceu-se com os primeiros raios da renascença e com os primeiros clarões da reforma religioza. Na Hespanha nasceu de ecloga, e de certo da tradição dramatica tal qual havia sido na edade media. Indirectamente proveio da litteratura antiga, mas não de Plauto nem de Menandro, senão que de Moscho e de Theocrito, de Virgilio e de Calpurnio.

A mais antiga fonte conhecida do theatro hispanico é a ecloga satyrica de *Mingo Revulgo*. É o primeiro exemplo de um dialogo em que os personagens começam a caracterisar-se e a reflectir em luz baça e duvidosa ainda, os cambiantes da sociedade. Mais tarde vem as eclogas de Juan del Encina, a quem os castelhanos talham a primeira palma theatral. Está alli o theatro, é verdade, mas virtual, mas latente, como o choupo ou o baobab gigante na cellula vegetal. Onde começam, porém, a dividir-se os primeiros lineamentos do theatro peninsular é nos singellos autos de natividade, primitivas creações da musa folgasam, mas reflexiva do nosso Gil Vicente. Discipulo e imitador do poeta Salmantino, Gil Vicente em mais de uma feição copia os traços de seu mestre. João del Encina dedica as suas «representa-

(1) Obra citada — nota sobre neologismo.

ções» como elle proprio as alcunha a servirem de distração e de luz aos príncipes e grandes que mais particularmente o favoreciam. São os reis catholicos Fernando e Isabel os primeiros que no seu palacio disfructam nas eclogas rudes e singellas do Terencio hespanhol, os primeiros e ainda vagos antegostos dos faustosos espectaculos scenicos com que havia mais ao diante resplandecer a magnificencia da cõrte hespanhola. Abaixo dos modernos fundadores da grande monarchia hespanhola, é a casa de Alba, a mais illustrada então das Hespanhas pela generosidade do berço, e pelo brilhantismo dos feitos d'armas, a que recebe as primicias do theatro hespanhol, creado por Juan del Encina. Gil Vicente para reis tambem, e reis tão esclarecidos e tão magnánimos com Fernando e Izabel, escreve as suas composições dramaticas, é seu theatro o paço, o auditorio uma curia de príncipes e de senhores.

O comico portuguez, como o hespanhol, filiam a sua escola dramatica e a sua fôrma litteraria nas mesmas tradições e nas mesmas origens. Juan del Encina aproveita a idéa dos autos e dos mysterios, e nas suas primeiras eclogas, destinadas a celebrar alguma festividade christã, ou alguma tradição religiosa, não se atreve ainda a romper de todo a cadêa que liga durante seculos e por costume immemorial o theatro á igreja, e que faz das artes scenicas um appendice abrigado das magnificencias do culto christão. Gil Vicente começa igualmente pelo auto religioso. A natividade e a epiphania são os themes das suas primeiras composições. Os personagens são os do velho e do novo testamento, que ás vezes por um arrojo insolente do autor, como no *auto de Sebilla*, se encontram sobre as pranchas com as figuras da mythologia pagan. Em Gil Vicente, do mesmo modo que em Encina, o sal comico, exaggerado por vezes até o gracejo escurril e á satyra obscena, vem deslustrar a magestade do assumpto e alegrar com chispas de um ingenho pouco reverente e piedoso, a gravidade das representações em que a divina magestade se apresentava em contemplação ás magestades da terra.

Ha nos dois fundadores do theatro peninsular o mesmo molde dramatico, a mesma escolha de assumptos, igual maneira, parecidissimo colorido, retoques imitados pelo portuguez sobre as imperfeitas miniaturas do poeta castelhano. Até na identidade da lingua se manifesta o escrúpulo com que o comico de D. Manuel segue no seu primeiro trilho, ainda incerto e duvidoso, as pizadas do seu menos engenhoso predecessor. O theatro portuguez ao nascer, soltou os seus primeiros vagidos em idioma extranho, como quem previa já que havia de ser quasi toda castelhana a musa dramatica nas Hespanhas, e que, loucamente pródiga com os centenares de escriptores dramaticos de Castella, nos mostraria em Gil Vicente as esperanças de uma scena opulenta e variada, para nos condemnar depois ao opprobrio litterario de sermos ainda até hoje uma nação desprovida de theatro.

Foi notavel acaso que o nascimento do theatro castelhano viesse a succeder na mesma epocha em que a Hespanha de Fernando e de Isabel inaugura com a expedição aventureira de Colombo o perido das suas conquistas ultramarinas. No proprio anno de 1492 em que de Palos saía a flotilha do almirante Genez ao serviço de Castella, as representações de Juan del Encina traçamos primeiros lineamentos do theatro hespanhol. Da expedição do Gama quasi que foram tambem contemporaneas as primeiras mani-

festações do estro de Gil Vicente. Foram semelhantes e egualmente auspiciozos os principios dos dois theatros peninsulares. Cedo porém se apartaram e distinguíram em prosperidade e em destinos.

O castelhano no meio das excursões do ultramar e das guerras prolongadas, que avassallaram quasi a Europa ao sceptro de Carlos V, achou meios para cultivar e enriquecer o drama. A nós, parece-nos que nos foi de sóbra o ser actores n'essas grandes epopéas que á ponta da lança havíamos escripto longe do nosso continente e do nosso berço. O que nos faltou em inspirações da musa folgazan e risonha da comedia, sobrou-nos em grandeza lyrica e no estro varonil da epopéa. É curioso observar como castelhanos e portuguezes, filhos da mesma terra, cultores de linguas quasi gêmeas, herdeiros das mesmas tradições e das mesmas glorias, descendentes da mesma prosápia goda, com a bastardia arabiga, que todos nós os peninsulares temos em mais ou menos subido grau, com litteratura, por assim dizer, commum, e tão semelhante na essencia, na metrificacão e nas fôrmas do dizer, chegados ao ponto em que as letras se transformam para, ao cerrar da meia-idade, tomarem uma feição mais cortesã e mais polida escola, nos partimos em direcções diversas, como se todo o campo litterario o não podessemos uzar em sociedade, e como se imitásemos o proceder de Abraham e de Loth na partilha da terra commum.

Porque foi que nós, os verdadeiros creadores do theatro, não passamos nunca da tal ou qual barbaria de Gil Vicente, em quanto que os hespanhoes, accitando sequiosos a herança d'elle e do seu Juan del Encina, tractaram de grangear e enriquecer aquelle precioso patrimonio?

Ha mais ingenho e mais invenção em Gil Vicente do que no seu ainda barbaro modelo. O trovador portuguez advinhou effeitos scenicos e combinações dramaticas que Encina nunca chegou sequer a rastejar. A scena dilata-se para Gil Vicente em mais largos e menos ennevoados horisontes do que para a Thalia modesta do hespanhol.

E' comtudo Gil Vicente é elle proprio o principio e o encerramento do seu cyclo dramatico para Portugal; enquanto que o seu rival é apenas o germe d'onde por uma serie de felizes operações do ingenho brota e floreja copada e opulenta a arvore gigante do theatro hespanhol. Gil Vicente fica sempre acima dos seus discipulos e imitadores na scena. A sua propria escola numera rarissimos proselytos. Antonio Prestes, Simão Machado, Antonio Rodrigues Chieido e poucos mais de mais obscura nomeada, completam o circulo inteiro do theatro propriamente nacional. Os que apparecem fóra d'este grupo ou se filiam na tradição classica e são adeptos eruditos da renascença, ou apparecem aqui e acolá, debeis imitadores do theatro hespanhol nas epochas mais lustradas e mais cultas do seu progresso e desenvolvimento.

Na Hespanha o theatro fica estacionario alguns annos, apesar dos impulsos felizes dos dois fundadores do theatro peninsular. Pelos annos de 1582 escreve-se em Ferrara a novella intitulada *Cuestia de amor*. Vem ali inserida uma ecloga de bellissimos versos, a qual, segundo todas as apparencias, figurou na scena e se representou diante da cõrte de Napoles, a cujo serviço andaria por ventura o autor anonymo d'aquella produção.

O drama sae d'esta vez ainda da singella contextura da ecloga pastoril. A scena plebeia e popular não tem ainda expedido ao drama o seu diploma de litteratura civil. São o auditorio príncipes e pri-

ceres, ante quem a musa tem necessariamente de sacrificar á magestade e á etiqueta cortesan os vãos do estro livre e os arrojos da satyra mordaz.

É pelos annos de 1517 que a Hespanha recebe de Napoles os primeiros reflexos da arte dramatica, que exforça por depurar-se e vasar as suas concepções em moldes menos estreitos do que os da ecloga pastoril do auto religioso ou da allegoria palaciana em que d'antes se amesquinhará o estro peninsular.

Se Juan del Encina funda o theatro, representando pela primeira vez eclogas, mais ou menos calçadas nos modêlos virgilianos, se Gil Vicente, por ventura mais rude e menos erudito, multiplica os assumptos e salpica de sal attico, nem sempre terso e decoroso, o ar frio e sentencioso das camenas bucolicas, Bartholomeu de Torres Naharr é o primeiro que consegue a ligação dos personagens n'uma fabula, ainda incoherente e mal entretecida, com uma intriga, e um desenlace mais parecido na maneira e tom egual á litteratura dramatica dos bons escriptores da edade aurea do theatro hespanhol. As circumstancias favoreciam singularmente a Bartholomeu Naharro, para que adiantasse mais uma balisa na carreira theatral. Vivia na Italia, onde o seculo XVI annunciára o alvorocer das boas lettras, pela erudita ressurreição dos bons modêlos classicos. As muzas latinas e hellenicis tinham arrojado o véo nebuloso com que as encobria a superstição e a sobranceria de meiedade. O pensamento, libertando-se de todas as cadeas, voava, animado pela grande insurreição da reforma espiritual, em todas as direcções. O espirito cansado da autoridade, sacudio o jugo actual, para buscar nas instituições e nas lettras um jugo novo e uma nova superstição. Renegava a autoridade de edade media para curvar se diante da autoridade dos antigos. Sacudio a dictadura dantesca para se deixar conduzir como escravo de Homero e de Virgilio. Desenhava os autos e mysterios christãos para copiar servilmente as scenas profanas de Euripides e de Sophocles. Renegou a autoridade feudal para curvar a cerviz á autoridade imperatoria. Luctava contra a dominação da egreja universal para se humilhar diante do intolerante despotismo de Luthero ou aos pés da ciosa aristocracia de João Calvino.

No meio do movimento de reacção que illustrou o seculo XVI, e que fez d'elle a primeira estação da moderna civilisação e o primeiro posto da cruzada revolucionaria, a Italia primou na interpretação da antiguidade e na imitação dos seus mais correctos escriptores. Em 1515 o prelado Trissino representava em Verona a sua tragedia de *Sophonisba*, a primeira tragedia regular dos tempos modernos, e a primeira em que as regras aristotelicas e os exemplos dos tragicos antigos foram rigorosamente obedecidos desde o assumpto heroico, bebido nas guerreiras frontes romanas até á disposição e contextura do drama e ao estylo e fórma do dialogo.

O movimento litterario da Italia accendeu por ventura o estro de Naharro, sem lhe despertar o desejo de se inspirar na Castalia antiga. Pouco affeccionado á erudição classica, os olhos em vez de se elevarem na pureza das fórmas romanas e na correção da musa antiga, vão-se-lhe saudosos para os exemplos e tradições da patria Hespanha. A maneira de Gil Vicente apparece nas comedias de Naharro que elle chamou « comedias á noticia » ou aquellas em que se rebocavam do natural algumas scenas desconexas da vida commum, taes como as comedias *Soldadesca* e *Finellaria*, ou em que se prestava a allegoria nas suas mais extravagantes fórmas á ce-

lebração das acções heroicas do seu tempo, taes como a comedia *Trofea*, destinada a exaltar as glorias e conquistas d'el-rei D. Manuel, e segundo toda a probabilidade, representada em Roma, na presença do nosso faustoso embaixador Tristão da Cunha.

(Continúa.)

J. M. LALINO COELHO.



QUARTZ HYALINO.

A mineralogia chama cristaes ou pedras cristallizadas, não aos vidros de bella transparencia como em a vulgar acceção, mas a certos productos naturaes: e cristallisação á operação pela qual a natureza obra esses productos, cujas formas parece que dependem das formas das pequenas parcelas de materia que se aproximam e se unem n'esta operação, e tambem da natureza do liquido que os tem em suspensão ou em dissolução, assim como das circumstancias especiaes em que se opera a união. Pode obter-se tal ou qual idéa da maneira por que uma substancia se cristallisa, deitando sal commum em agua: a principio o sal derrete-se e apenas turva a transparencia da agua; mas, depois, as pequenas parcelas de sal, que n'este estado são imperceptiveis, chegam-se, unem-se, e formam no fundo e bordos da vasilha pequenos cristaes regulares, cuja forma é ordinariamente um cubo, isto é uma figura de seis faces iguaes, como, por exemplo um dado de jogar.

O *cristal de roca* ou de rocha é o que a nomenclatura denomina *quartz hyalino*, de ordinario cristallizado, incolor, e transparente; mas, quando tem cor, segundo esta, se lhe dá os nomes de amethysta, topazio e demais pedras preciosas, de que fazem joias os lapidarios. O cristal de roca sem cor e mui transparente é algumas vezes empregado em instrumentos de optica; conserva-se na sua forma natural como objecto de curiosidade ou de estudo nos museus: lapida-se e n'elle se pode tambem gravar; ha grandes vasos d'esta materia que são dos mais preciosos; o espelho do quarto de vestir de Luiz IV era de cristal natural estanhado como o vidro.